

CER

SEBRAE

Guia para um

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO INCLUSIVO



“De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo.”

Adélia Prado



A cada ano, nós professores estamos diante de uma turma de pessoas diferentes. Estão ali sob a nossa responsabilidade seres completamente distintos e particulares, com suas habilidades natas e pontos a serem desenvolvidos. Antes de mais nada, são pessoas com uma imensidão de possibilidades.

Por outro lado, a rotina escolar pode ser bastante exigente. Atividades, aulas a planejar, desafios diários, situações inesperadas e fora da curva.

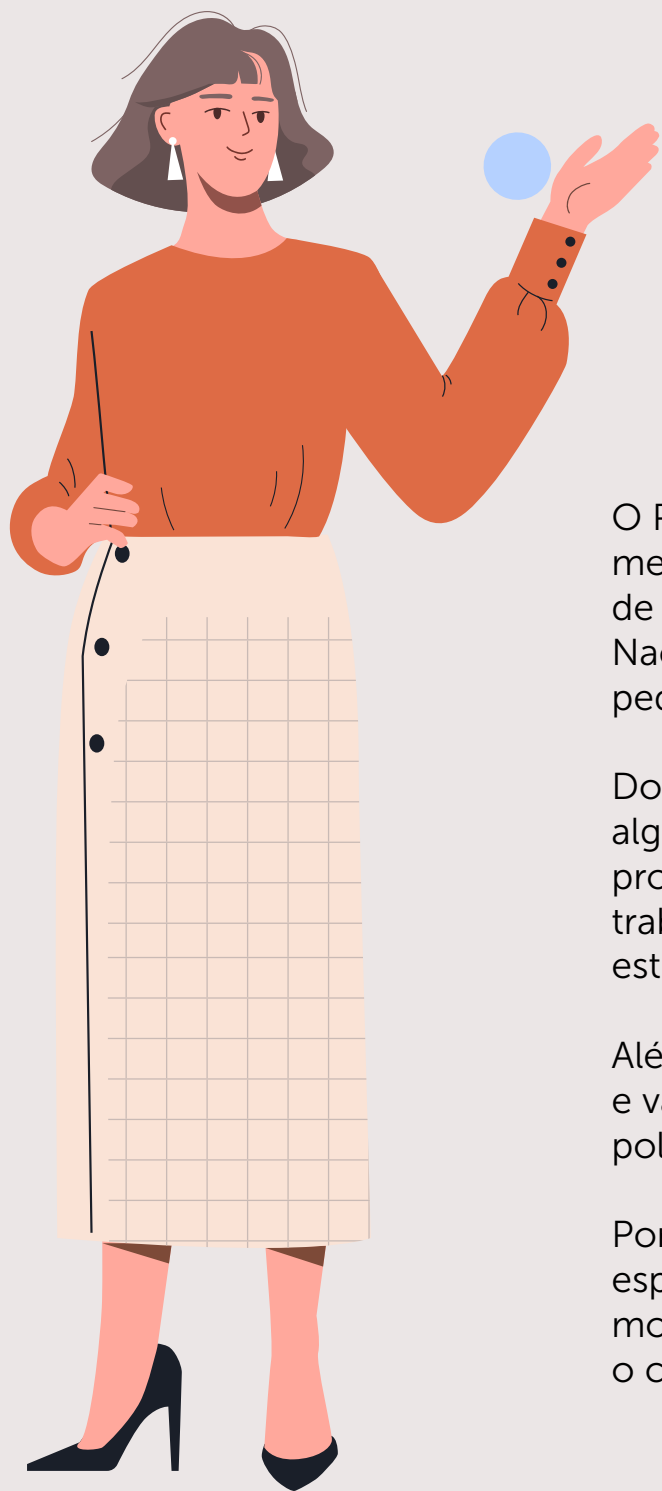
E às vezes nos esquecemos da poesia. Olhamos para os estudantes e vemos apenas estudantes. Mas, na verdade, estamos diante de pessoas que devem ser potencializadas e trabalhadas. São 30, 40, ou 50 oportunidades de deixarmos uma marca em cada sala.

Um **Planejamento Pedagógico diverso** pode nos ajudar a resgatar a poesia. Um olhar atento às particularidades é o ponto de partida.

Uma boa leitura.

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO






O Planejamento Pedagógico é o documento que reúne as metas da escola, indicando onde se pretende chegar ao final de cada ciclo, como também levando em consideração a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), as legislações e a proposta pedagógica da escola.

Do ponto de vista da BNCC e da regulamentação, existem alguns conteúdos obrigatórios e outros opcionais. Mas é o professor ou a escola que estipula como esse conteúdo será trabalhado em sala de aula. Podendo, para isso, lançar mão de estratégias pedagógicas diferentes.

Além disso, cada escola apresenta o seu conjunto de princípios e valores e sua missão. O que, por sua vez, reflete no projeto político pedagógico (PPP).

Portanto, o planejamento estipula metas, prazos, aonde se espera chegar, os recursos necessários e as atividades. De modo que é um norte para a equipe de professores, que indica o caminho a ser percorrido.






Ele orienta as atividades em sala de aula do professor e ajuda no cumprimento de tarefas dentro do tempo disponível para as aulas e no calendário programático.

É na hora de realizar o planejamento didático que temos a possibilidade de escolher, dentre os requisitos obrigatórios do currículo e da BNCC, o que e como vamos trabalhar cada tópico. É no momento do planejamento que o professor pode pensar “fora da caixa” e trazer formatos variados para as dinâmicas.

Escolhido o tópico, é o momento de pensar na dinâmica, selecionando o material necessário, pensando no modo como isso vai tomar forma e como incluir todas as pessoas estudantes da turma.



Um dos maiores desafios atuais ao se estipular um Planejamento Pedagógico é promover a inclusão de pessoas diversas e com deficiência. Afinal, até alguns anos atrás, era mais comum que as pessoas com deficiência se matriculassem em escolas especializadas, sendo ainda recente o aumento do ingresso desses nas escolas regulares.



É importante levar em consideração, no processo de planejamento, que as diferentes pessoas envolvidas possuem formas variadas de reagir, aprender e reter as informações. Quanto mais variado o seu modo de trabalhar conteúdos em sala, maior a probabilidade de conseguir se aproximar dessas pessoas com perfis diferentes.

Cada estudante reage de maneira diferente aos estímulos. É no contato com a turma que as especificidades e as formas diferentes de reação da turma são notadas pelo professor – o que é mais atrativo, o que tem mais resultado e o que pode ser feito de diferente.

É até mesmo comum que turmas diferentes fiquem em pontos distintos no cumprimento do cronograma – há turmas que demandam mais atenção em alguns conteúdos, e outras que avançam mais rápido.



O planejado é estipulado no início do ano letivo, com o intuito de que tudo que for obrigatório e necessário ao aprendizado seja atingido, mas, ao mesmo tempo, ele não é fixo. Diante de mudanças nas circunstâncias, no perfil dos estudantes, dentre outras intercorrências, o planejamento pode e deve ser alterado. Afinal, se o objetivo é promover a aprendizagem e o ensino, pode ser que, ao longo do caminho, adaptações devam ser realizadas.

Portanto, o planejamento não é rígido, já que ele deve levar em consideração essas alterações ao longo do percurso, devendo se adaptar também. O planejamento inicial será um norte para o início do ano letivo, e à medida que o tempo for passando, os ajustes são muito bem-vindos e necessários.

Por isso, é fundamental saber mensurar o quanto das metas e do planejamento foi atingido, e se não foi, é importante entender o porquê.





Além disso, muitos professores não tiveram uma formação adequada ou preparatória para esse momento, pois foram formados em um contexto em que era de praxe segregar as pessoas com deficiência em escolas especializadas.

Muitas vezes se estipula um padrão curricular ou uma proposta pedagógica pensando em um perfil único de estudantes. No entanto, quando esse professor inicia a sua carreira, a realidade é bem distante. Ele estará diante de uma turma com um perfil bastante variado.

Por mais completo que seja o planejamento, o olhar atento do professor é insubstituível. Por essa razão, separamos alguns pontos que podem ajudar você nessa análise do perfil da turma.

Em um primeiro momento, abordaremos a contextualização sobre o momento da educação. Em seguida, vamos trazer algumas reflexões que podem ajudar o professor a ter mais sensibilidade para identificar as diversidades, trabalhar o conceito de pessoas com deficiência e, por fim, sugerir estratégias pedagógicas.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA



A educação inclusiva se refere ao momento que estamos vivenciando – um período de inclusão, em que as matrículas de estudantes com deficiência em escolas regulares têm aumentado, diante de uma redução de matrículas em instituições especializadas.

Um dos princípios que norteiam a educação inclusiva é que todas as pessoas são capazes de aprender, independentemente das particularidades.

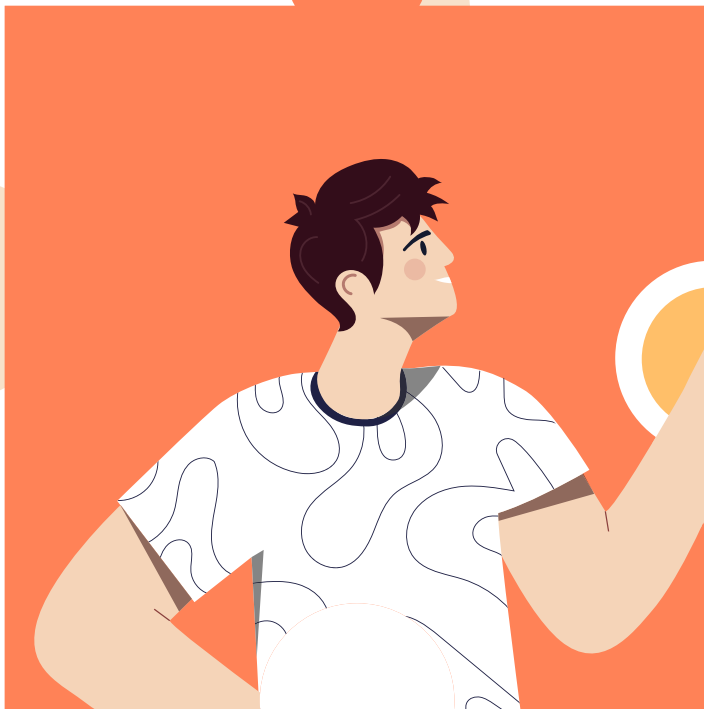
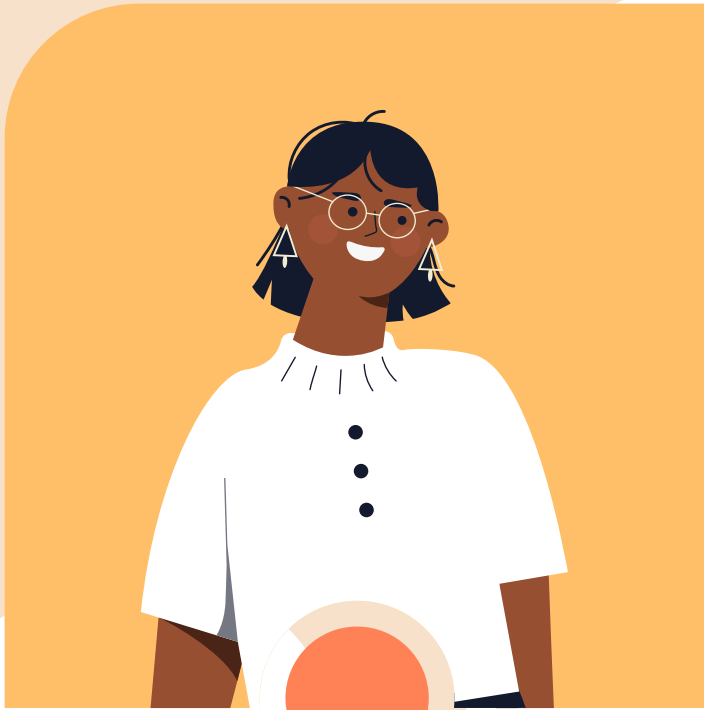
São pessoas com deficiência, com diagnósticos às vezes semelhantes, mas com respostas diferentes, ingressando massivamente no ensino regular. Além disso, tem-se percebido um aumento da quantidade de diagnósticos de transtornos comportamentais, de humor e/ou relacionados ao neurodesenvolvimento, como é o caso das pessoas portadoras de espectro autismo.

Importante ressaltar que a pessoa vem sempre à frente da deficiência. Mesmo que tenham o mesmo diagnóstico, algumas pessoas podem se comportar de forma completamente diferente. Existem pessoas com o mesmo padrão de deficiência, mas que desenvolveram habilidades distintas. O que acarreta dinâmicas também variadas em sala de aula.

O mesmo se aplica, por exemplo, em situações como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou com o espectro do autismo. Existem gradações diferentes e manifestações variadas dentro de um mesmo rótulo. Por isso, lembre-se de que há uma individualidade para além do laudo.

A educação inclusiva parte do pressuposto de que a realidade é diversa; por isso a escola deve ser capaz de refletir a sociedade, incluindo pessoas com características diferentes para promover uma convivência harmônica.

ENSINO INDIVIDUALIZADO





As teorias e as práticas sobre o ensino individualizado têm se tornado cada vez mais difundidas, isto é, uma forma de considerar os perfis comportamentais, as facilidades e os pontos a serem desenvolvidos em cada pessoa no processo de aprendizado. Isso tanto do ponto de vista socioemocional, quanto de conteúdo programático.

Em sala de aula, a maneira de aplicar essa tendência é variando os tipos de abordagens e atividades. Quanto mais amplo o repertório de atividades, maior a probabilidade de conseguir abarcar esses perfis diferentes.

DIVERSIDADE DOS ESTUDANTES



O primeiro ponto a ser levado em consideração é que, ao falar em um planejamento pedagógico inclusivo, deve-se pensar em pessoas com deficiência e também em pessoas com perfis diferentes, tenham elas um diagnóstico ou não. Vamos aprofundar esse ponto!

É humanamente impossível para o professor conseguir desenvolver uma prática em sala de aula que abarque a individualidade de cada aluno; portanto, não é essa a intenção deste Guia. O objetivo é inspirar e trazer pontos de reflexão para que, de certa forma, o professor consiga mais pontos de conexão com os estudantes no dia a dia de sala de aula.

A dica é sempre colocar o aluno em primeiro lugar, e não a deficiência, e manter um olhar atento à realidade que o cerca. Separamos alguns pontos que podem ajudar a ter essa ideia de diversidade bem construída





FORMAS DE EXPRESSÃO

Começando pela maneira de os estudantes se expressarem. Existem indivíduos que são comunicadores natos, isto é, que se comunicam oralmente com muita facilidade. Por outra via, há quem se expresse melhor de forma escrita.

Por trás dessa maneira diferente de se manifestar, existem fatores que dizem respeito a tipos de temperamento – pessoas mais expansivas ou mais introspectivas, mais organizadas ao falar ou mais prolixas. Há questões como timidez aumentada, dificuldade de seguir regras, ou mesmo de permanecer muito tempo em silêncio.

Há fatores, até mesmo de ambiente familiar, que podem impactar o tom de voz e a quantidade de emoção que aquele estudante é capaz de mostrar na voz.

Nas crianças e nos jovens, há uma necessidade natural de validação o tempo todo. Faz parte da natureza humana, especialmente nos primeiros anos de vida, essa busca incessantemente por ser validado e amado. O que, por sua vez, pode repercutir no modo de se manifestar.

Outro ponto é a linguagem corporal – é importante o professor observar a postura, o olhar, a posição dos ombros e da cabeça. Um estudante sempre cabisbaixo pode estar vivenciado alguma situação que mereça atenção. O olhar atento do professor para as formas de expressão vai além de desenvolver melhor as atividades, porque isso pode salvar vidas.

Os modos de expressão são diretamente explorados em atividades em sala de aula. Tanto do ponto de vista de reforçar algo positivo, quanto de desenvolver habilidades que precisam ser trabalhadas individualmente.

Direcionar bons narradores a ler um trecho do livro em voz alta é um ótimo exercício para que eles se sintam valorizados. Por outra via, às vezes é uma tortura para os mais tímidos, mas isso pode ser trabalhado de um jeito que eles tenham mais tempo para se prepararem previamente. Por exemplo, escolhendo esses alunos para apresentar de forma oral o resultado de uma pesquisa em um prazo de duas semanas.

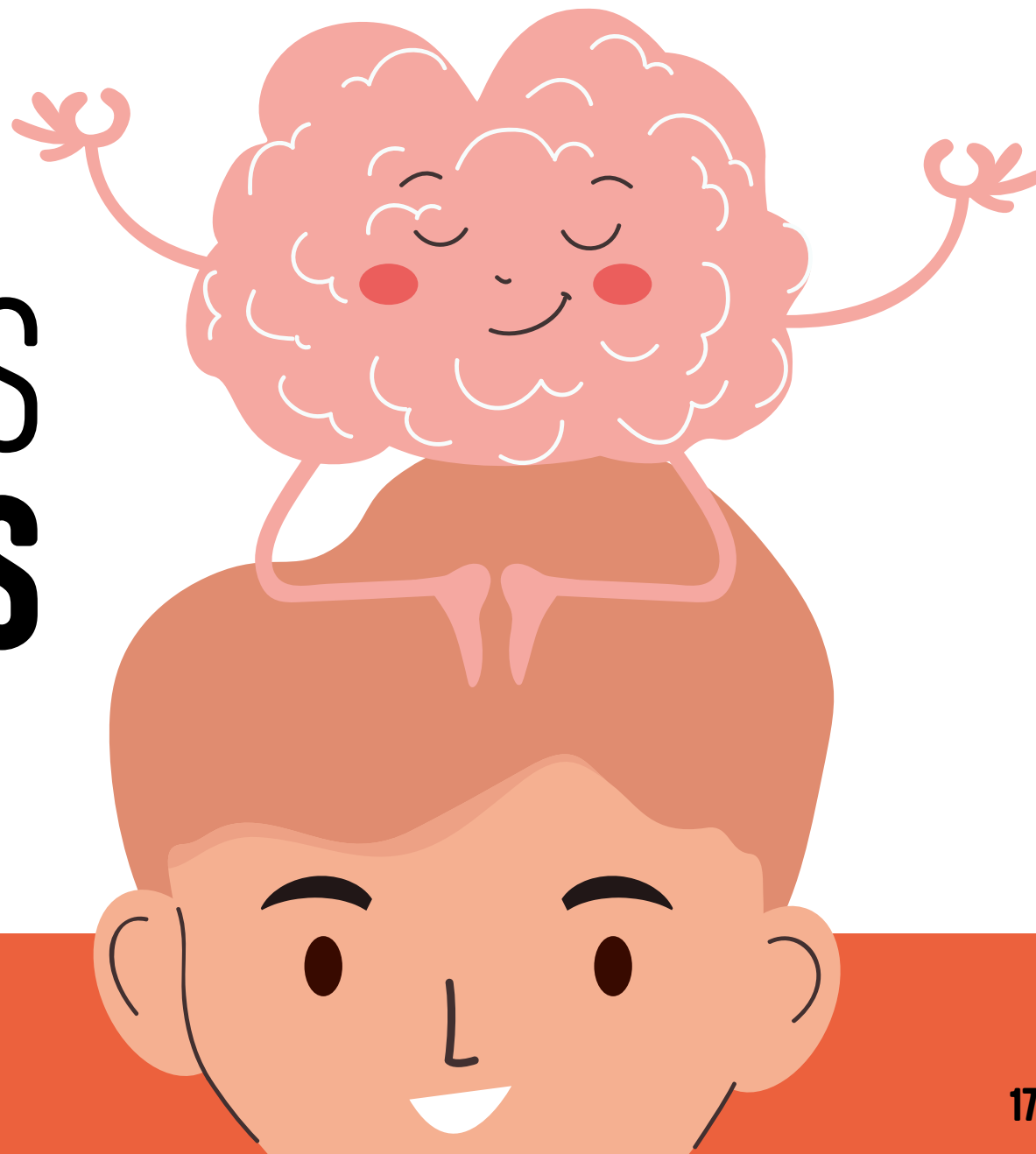


Perceba que são dinâmicas que se pautam em atividades semelhantes – utilizar a linguagem oral e aperfeiçoar a comunicação –, porém adaptadas conforme o perfil individual.

Ao selecionar as atividades, é importante verificar a presença de pessoas com deficiência. Por exemplo, no caso de atividades de leitura, as pessoas surdas podem sair prejudicadas. Entenda que, dentro de grupos com o mesmo diagnóstico, há também heterogeneidade – há pessoas surdas que conseguem realizar leitura labial; outras, somente leitura de texto.

Portanto, para a leitura de um texto em sala, há a possibilidade de a pessoa surda acompanhar a atividade. No caso da apresentação de um trabalho, pode ser recomendável que o estudante que vá apresentar fique posicionado de frente para a sala, permitindo que a leitura seja realizada pelos colegas.

DIFERENÇAS SENSORIAIS





Independentemente da presença de deficiências, cada indivíduo pode ter sentidos mais ou menos apurados – visão, audição, fala, tato e paladar.

É comum que, em cada um de nós, um dos sentidos se sobressaia, e isso impacta diretamente a maneira como cada pessoa se relaciona com o mundo, absorve o conteúdo e se expressa.

Há quem tenha uma visão mais apurada, isto é, pessoas mais impactadas por aquilo que elas veem. Dessa forma, um ambiente escolar belo e organizado pode transbordar em motivação para essas pessoas, assim como um ambiente mais poluído pode desmotivar.

E isso implica diretamente a capacidade de observação e de memorização. Pessoas mais visuais costumam ter uma memória mais visual, por isso atividades como leitura, visualização do quadro, desenhos, mapas mentais, mapas geográficos, colagens são atividades que favorecem o processo de aprendizado e de retenção de conteúdo para esse grupo.

Há, quem, por sua vez, seja mais do tato. São indivíduos que, se estiverem com um uniforme apertado, por exemplo, podem ter mais dificuldade de se concentrarem. Normalmente, são pessoas com memória mais mecânica, isto é, para conseguir reter mais conteúdo, precisam de exercícios de repetição e de cópia.

Pessoas mais impactadas pelo tato podem ter mais dificuldade de se concentrarem em situações de pequenos desconfortos. O que, por sua vez, pode acarretar comportamento agitado.

Para esse grupo de estudantes, copiar poemas é uma atividade interessante, bem como realizar exercícios de repetição de matemática, copiar o quadro, realizar resumos, fichamentos. Colagens, desenhos, recortes, contato com material diferente que foge um pouco do livro, da apostila e da internet são relevantes.

Para quem tem um ouvido mais apurado, é importante ter momentos com música, declamação de poemas, atividades de leitura em voz alta.

É humanamente impossível para o professor levar em consideração essa individualidade na hora de escolher uma atividade. Por isso, é crucial, na hora de realizar o planejamento, pensar em todas essas variáveis e abarcar o máximo de práticas distintas. Assim, ao longo de um ano, será possível que estudantes tenham contato com atividades que os favoreçam mais.

E, mais uma vez, é necessário pensar nas pessoas com deficiência em cada uma dessas propostas – seja um com um texto em braille, seja colocando um colega para ler em voz alta para aquele que não pode ler, utilizando equipamentos de leitura.

Aproveite esses momentos para trabalhar a empatia em sala de aula. Talvez ler em voz alta para um só colega que não consegue isso seja uma forma de desenvolver aquele mais agitado e tem dificuldade de se concentrar, pois atribuir responsabilidade é um modo de desenvolver pessoas. Assim, os dois alunos envolvidos nessa tarefa serão trabalhados em conjunto, cada uma na sua necessidade e individualidade.

DIFERENTES INTERESSES





Naturalmente, cada pessoa tem o seu leque de assuntos preferidos. Portanto, dentro das possibilidades de sala de aula tente abarcar temáticas diversas.

Uma dica é ter em mente os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). São 17 propostas de temas que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar e contribuir para que esses interesses variados sejam abrangidos.

Um ponto relevante é, em certa medida, tentar entender entre os estudantes quais são as preferências individuais; portanto, saber ouvir a turma é também importante nesse processo de uma educação inclusiva.



PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

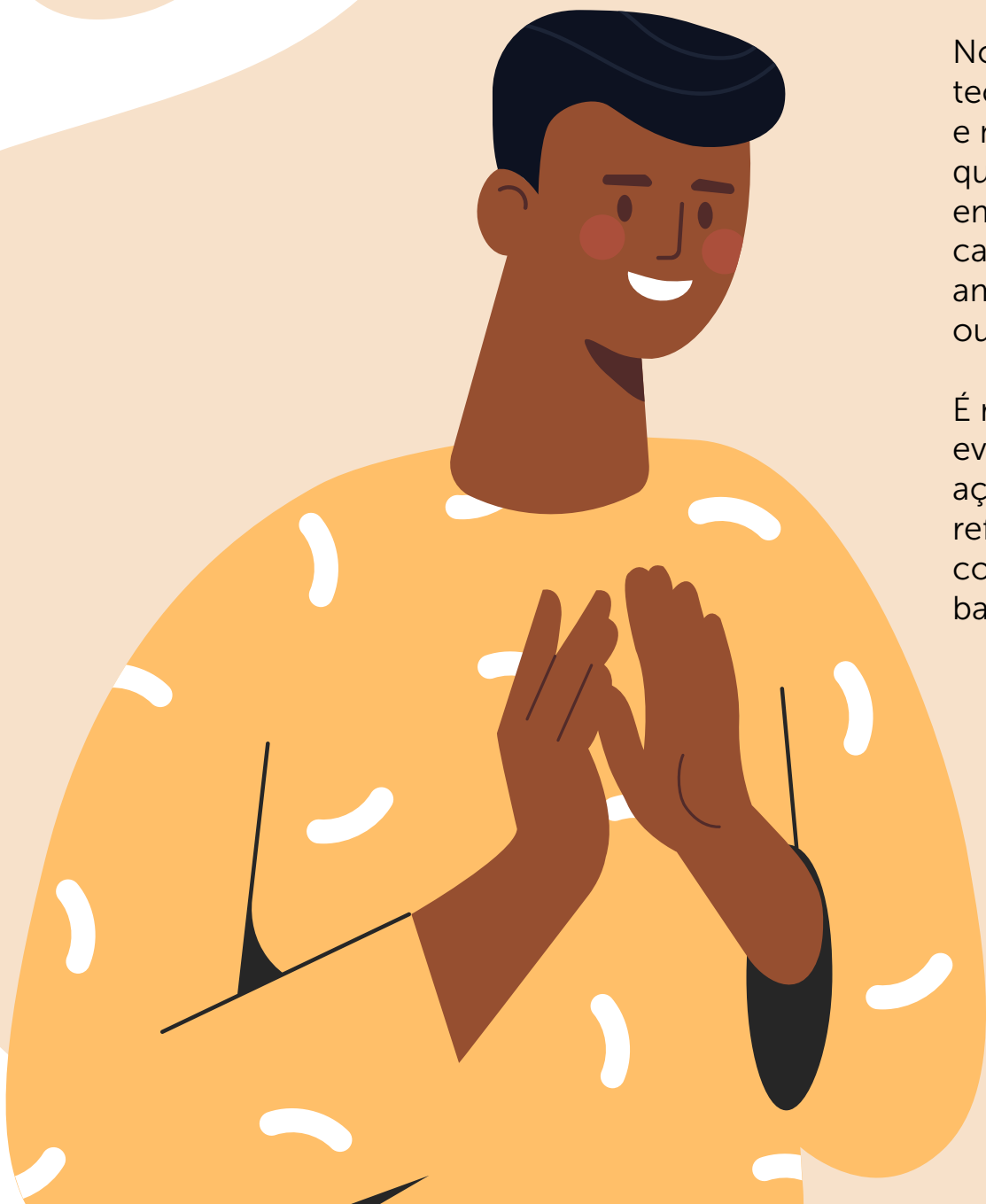
Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo no 186, de 9 de julho de 2008: Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009: Declaração Universal dos Direitos Humanos. Vitória: Ministério Público do Trabalho, 2014. 124 p.

Depois de ter em mente que, dentro de um grupo de pessoas com deficiência, temos primeiro a pessoa com gosto, aptidão, habilidade e até mesmo sentido e capacidade de memorização diferentes. E que há uma individualidade – pessoas com o mesmo diagnóstico, mas comportamento distinto. Parte-se então para o entendimento da deficiência.



Importante garantir que a aula não tenha barreiras às pessoas com deficiência – sempre se questione se o planejamento, as atividades e a própria didática empregada em sala de aula apresenta alguma barreira. Como:

- **Barreiras arquitetônicas:** degraus, escadas, maçanetas de portas, altura de bebedouros, acesso a quadras e ambiente de convivência, acesso às salas de aula, disposição das carteiras.
- **Barreiras na comunicação:** formas de se comunicar, exemplo: falar de costas para a turma e olhando para o quadro pode impedir que uma pessoa surda faça a leitura labial; exibir filmes na língua pátria, mas sem a legenda também pode impedir a experiência por uma pessoa surda; utilizar de dinâmicas escritas com pessoas cegas.
- **Barreiras metodológicas:** as práticas de uma atividade em grupo ou com toda a turma - exemplo: se a única opção de resposta for pela escrita, posso excluir uma pessoa com deficiência auditiva. Portanto, sempre que as aulas envolverem atividades, é preciso se questionar se todos os estudantes terão a possibilidade de acompanhar e aproveitar a atividade da mesma forma ou se cabe alguma adaptação.
- **Barreiras atitudinais:** estão na forma como as pessoas interagem, ou seja, a existência de preconceito e de bullying são exemplos de barreiras de atitudes que impedem a plena participação de todos os indivíduos.



No caso das barreiras metodológicas, existem tecnologias que podem ajudar na dinâmica de sala e na superação dessas barreiras – como sistemas que leem os textos, transformando o texto em voz; impressão em braille; engrossador de caneta; adaptador para lápis; caderno com pautas ampliadas; livros em formato acessível, dentre outros.

É relevante que a escola faça o levantamento das eventuais barreiras existentes e trace um plano de ação – seja com a aquisição de equipamentos, reformas, seja mesmo palestras e rodas de conversa com os alunos para que se evitem as barreiras atitudinais.

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

(AEE)



Ele foi pensado para o público que necessita de uma educação especial, visto ser uma ferramenta que pode ser utilizada quando as aulas regulares não são suficientes para o processo de ensino e aprendizado. Conforme disposição legal, ele deve ser oferecido a estudantes com deficiência, com situações especiais de neurodesenvolvimento e também aos considerados superdotados ou altas habilidades.

Não é um momento de reforço de alguma disciplina, tampouco de segregação; afinal ele é ofertado dentro de uma lógica de educação básica inclusiva. Portanto, o AEE não supre, nem substitui a carga horária regular. Trata-se de um serviço especializado, feito em parceria com o professor responsável pela turma, em que se verifica se há alguma barreira para a aprendizagem e se são estipuladas atividades e trabalhos adequados para cada situação.



An illustration of a man with dark hair and glasses, wearing a brown suit jacket over a white shirt. He is holding an open red book with both hands and looking at it. The background is white with scattered colorful zigzag lines in shades of blue, green, yellow, and red. A large orange rectangular banner is positioned behind the man's head and shoulders, containing the title text.

ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS



As estratégias didáticas são meios que podem ser utilizados para se promover a aprendizagem. O primeiro ponto é que o material do professor costuma ser um grande aliado na hora de planejar e executar as atividades.

É necessário optar por atividades com um nível de dificuldade adequado à capacidade da turma. Atividades que não oferecem nenhum tipo de desafio podem ser tachadas de chatas e entediantes pelos estudantes, porém, se forem difíceis ou desafiadoras demais, muitas vezes acabam desestimulando a turma.

Pode-se lançar mão de algumas estratégias pensando em promover determinadas habilidades e quebrar barreiras em sala de aula. Como:

Agrupamentos intencionais heterogêneos

Aqui você pode escolher os grupos intencionalmente de forma que a diversidade seja promovida. É uma oportunidade para os estudantes se aproximarem ainda mais do contexto de diferentes habilidades dos colegas e de promover a empatia. É possível pensar em uma estrutura, por exemplo, de pessoas com habilidades complementares.

Agrupamentos livres

É o momento de deixar que os estudantes formem seus grupos e promovam interação social. Especialmente nesse momento pós-isolamento, é de grande valia atividades que incentivam a socialização.

Organização de espaços da sala

Podemos usar de alteração da organização das cadeiras para criar outros tipos de estímulo, como maior interação, ou rodas de conversa em situações específicas.

Pesquisas com formatos livre de apresentação

Uma forma interessante é possibilitar que os estudantes escolham entre vários formatos disponíveis para apresentar alguma pesquisa ou trabalho. Podendo, por exemplo, fazer a opção por uma apresentação falada, recitar um poema, usar imagens ou entregar o trabalho por escrito. Assim, é possível explorar as habilidades que já são um ponto forte do estudante. Pode ser uma estratégia eficaz visando trabalhar algum conteúdo obrigatório que não é considerado tão atrativo pelos próprios estudantes.

Na sessão anterior, sugerimos também algumas dinâmicas – como a leitura de textos em sala por pessoas que já possuem essa aptidão, versus uma apresentação oral na frente de toda a turma de forma planejada anteriormente para estudantes que não apresentam essa aptidão.

O foco deve ser desenvolver a potencialidade dos estudantes. E conhecer bem a turma e os estudantes permitirá a utilização de estratégias pedagógicas mais adequadas.



Agora é hora de colocar tudo isso em prática! Compartilhe sua reflexão com seus colegas e a equipe de professores. A teoria é importante, mas temos muito o que aprender com a convivência e o partilhar entre pessoas.

Refleta sobre as diferentes formas de memorização, as diferenças sensoriais, pense se existe hoje alguma barreira. Anote tudo e depois estabeleça um plano de ação.

Espero que tenha ficado mais nítida a discussão sobre diversidade no processo de aprendizado. E, para não perder nenhuma novidade, acesse nossas redes sociais e o site!

SOBRE O CER

A Educação Empreendedora, como o nome sugere, busca desenvolver uma postura empreendedora, permitindo que as pessoas construam e executem seus projetos e se tornem protagonistas da própria vida.

Nesse sentido, esse tipo de educação é fundamental para o desenvolvimento de competências chave para o futuro, como resolução de problemas, negociação, trabalho em equipe, resiliência, tomada de decisões, empatia, criatividade e pensamento crítico.

Com esse propósito, o Sebrae criou o Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (CER), com o objetivo de produzir e compartilhar conteúdo, elaborar estudos e fomentar o desenvolvimento de pesquisas e ferramentas para promover a Educação Empreendedora

O CER na sua missão de:

“SER UM HUB PARA A EDUCAÇÃO E LABORATÓRIO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, CONECTANDO EDUCADORES A SOLUÇÕES E GERANDO VALOR PARA O ECOSISTEMA DE EDUCAÇÃO.”

O CER busca desenvolver e fomentar uma rede de parcerias estratégicas para ofertar a produção de conteúdos de Educação Empreendedora relevantes aos educadores, aos gestores educacionais, aos gestores públicos e a toda a comunidade. Para isso, conecta-se fortemente com especialistas renomados e centros de pesquisas nacionais e internacionais. Juntando o saber, o fazer, e unindo conhecimento à atitude empreendedora.

Acreditamos que essa ideia inovadora de ensino, na qual se propõe o desenvolvimento de habilidades comuns ao empreendedor, é uma estratégia de ensino-aprendizagem capaz de transformar e impactar positivamente a educação e disseminar a cultura empreendedora no Brasil. É na plataforma do CER que você pode encontrar conteúdo para atender às suas demandas de inovar na educação e na sala de aula, inspirar pessoas e ampliar a atuação da Educação Empreendedora.

O que achou? Entre em contato conosco.
Queremos receber sua contribuição e
conhecer suas ideias

Acompanhe-nos também nas redes sociais.



Produzido em Junho 2022